
CAPÍTULO II

COMO A UEM SE ORGANIZOU E CUMPRIU AS DECISÕES DE “8 DE MARÇO”

Alcido Nguenha

1. Contextualização

Em 25 de Junho de 1975, Moçambique conquista a sua Independência Nacional, depois de uma Luta de Libertação Nacional, dirigida pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). A conquista da independência nacional significou o fim do sistema colonial em todos os aspectos e início de uma nova época e novas perspectivas de desenvolvimento do País.

Desde a fundação da FRELIMO, liderada pelo Doutor Eduardo Chivambo Mondlane, e para assegurar a realização dos seus objectivos de libertação, a questão de formação de jovens para engajamento nas tarefas nacionais, em particular, a luta de libertação nacional, foi vista como estratégica e fundamental para sua efectivação.

As actividades de formação e educação estiveram sempre embutidas no desenrolar tanto da luta armada em si, como na construção de todo o sistema político-administrativo, com a evolução da luta armada, e do surgimento das zonas libertadas da administração colonial.

As medidas “8 de Março” foram tomadas pelo novo Governo de Moçambique, dois anos após a independência nacional, proclamada a 25 de Junho de 1975, e tiveram como fundamentação a visão já elaborada e consolidada durante o período da luta de libertação nacional e na “governança” das zonas libertadas que foram surgindo com o avanço da luta.

Estas medidas “8 de Março”, responderam aos desafios emergidos com a saída ou mesmo abandono massivo do País de técnicos portugueses, técnicos servidores do sistema colonial em várias esferas, tais como economia, educação, administração pública e sector privado. Esta situação provocou a falta de quadros e técnicos preparados, conjugado com as acções criminosas e de sabotagem económica, como reacção à independência e ao novo poder popular e democrático instalado em Moçambique.

O Presidente Samora Machel, ao caracterizar os desafios do momento, dizia o seguinte:

Uma das características mais salientes da situação actual no nosso País é a falta de quadros. Temos carências de quadros técnicos e científicos nos mais variados níveis e sectores [...] estamos conscientes de que, sem quadros de dominar a tecnologia avançada e de abarcar a complexidade do desenvolvimento da sociedade, não é possível construir o Socialismo (MACHEL, 1977, p. 88-89).

De facto, a carência e a necessidade quadros constituíram, neste período pós-independência, o maior desafio do novo poder instalado.

Neste contexto, a questão de formação de quadros preparados técnica e cientificamente tornara-se fundamental e crucial no momento da independência e da construção do novo Estado Moçambicano. As medidas de 8 de Março de 1977, anunciadas pelo Presidente da República, Samora Machel, na reunião que realizou com centenas de estudantes em Maputo, consistiram, essencialmente, na interrupção do nível de ensino da 10^a e 11^a classes em todo o País. Os estudantes abrangidos foram distribuídos e colocados em diversos sectores da defesa, educação, agricultura e outras no âmbito económico, social e cultural.

Para melhor entendimento da natureza e abrangência destas medidas, citemos as palavras do Presidente Samora Machel, quando disse o seguinte: “deram-nos um grande exemplo com a vossa decisão corajosa. De novo, parece que estamos em 1964, quando decidimos o desencadear da luta armada...” e disse, ainda, o camarada Presidente Samora Machel, “é a vossa geração que cabe demonstrar que os nossos estudantes são, em todos os momentos, jovens trabalhadores, que avançam para todas as frentes em que seu trabalho é necessário.” As medidas de 8 de Março, com base nas palavras de Samora Machel, foram uma decisão corajosa e histórica, se tomarmos em consideração o processo desde o início do projecto de libertação nacional.

O processo do cumprimento destas decisões de novo enquadramento dos jovens abrangidos teve o seu início em 1977 e prolongou-se até aos finais dos anos 80 e início dos anos 90, quando se retoma o início das 10^a e 11^a classes, interrompidos por esta medidas que abrangeu cerca de 600 jovens estudantes.

A outra dimensão a tomar em conta na análise das medidas de 8 de Março é a definição do novo papel da educação e da escola no novo Moçambique. O novo papel seria contrário e antagónico ao objectivo e papel da educação do tempo colonial.

O objectivo da educação passa a ser a formação do homem novo e da sociedade nova, tanto no seu conteúdo, assim como nos seus princípios. Esta nova concepção da educação e da escola resultará da experiência apreendida durante a nova governação que consistia na ligação intrínseca ente a teoria e prática. Citando Samora Machel, “o estudo engloba as tarefas de produção, a teoria forja-se na prática e regressa à prática para se enriquecer a experiência da sua aplicação concreta.”

2. A missão e experiência do “Centro 8 de Março”

O Centro 8 de Março constituiu o local “histórico” de implementação destas medidas, pois foi para este lugar onde se encaminharam centenas de jovens estudantes vindos de várias cidades do País, onde já existiam escolas do nível e médio, juntamente com os estudantes oriundos das escolas da FRELIMO. Estes últimos jogaram um papel muito importante no enquadramento dos outros estudantes na “nova maneira de estar”.

Estando em processo de construção de uma sociedade nova e com perspectiva de formação do homem novo, a preparação dos jovens estudantes para as novas tarefas nacionais foi crucial. O modelo de organização seguido no Centro 8 de Março baseou-se nas experiências das escolas da FRELIMO nas zonas libertadas.

Para Samora Machel, (MACHEL, 1977, p. 88 -89) “a escola é a forja do homem novo, forja das ideias científicas, forja da nova sociedade, centro de transformação [...] os nossos estudantes devem ser trabalhadores que se preparam para servir melhor o povo.” Foram estes princípios que nortearam as actividades do Centro no contexto da educação política, ideológica e ética. Os jovens estudantes tinham, também, preparação física e disciplinar na base da ligação teoria-prática e ligação com a produção.

O Centro 8 de Março teve uma relação privilegiada com a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), onde os quadros ali formados foram enquadrados nos cursos de formação de professores e no curso propedêutico oferecidos em quase todas faculdades da UEM, na fase inicial. Mais tarde, e porque a formação de professores precisava de uma instituição própria, evoluiu para criação da Faculdade da Educação e, depois, criou-se uma instituição superior independente e nova, o Instituto Superior Pedagógico. Outros estudantes foram enviados para sectores da defesa nacional e para os institutos comerciais e industriais.

3. O Impacto das Medidas de 8 de Março na Construção do Estado Moçambicano

Uma geração consiste em “pessoas que partilham o mesmo conjunto de experiências, o mesmo “tempo qualitativo”.

A “Geração 8 de Março” foi constituída por jovens estudantes que partilharam a experiência de participar num processo histórico de construção da nação moçambicana, dando continuidade ao projecto dos nacionalistas e do processo histórico iniciado pela “Geração 25 de Setembro”.

Foi a missão da “Geração 8 Março” complementar, reforçar e cooperar no prosseguimento da construção da nação e do Estado moçambicano, com o seu envolvimento nas tarefas atribuídas às forças armadas, educação, saúde, economia, política, construção de infra-estruturas, defesa da soberania e unicidade do Estado e na manutenção da unidade nacional e que, ainda, se mantém firme na construção da cidadania moçambicana.

O impacto da “Geração 8 de Março”, no estabelecimento do Estado moçambicano, defesa da sua independência e soberania, na economia e em particular na educação superior, foi de enorme dimensão.

A saída massiva de técnicos portugueses teve um grande impacto negativo no sector de educação, pois significou a falta de quadros moçambicanos. Neste sentido, a maior prioridade foi dada à formação de professores.

A UEM, a única instituição superior nessa altura, teve como papel principal a formação acelerada e com qualidade de professores. Para a realização desta tarefa, a UEM dependeu da cooperação internacional. Esta tarefa foi tanto para formação de docentes para a própria Universidade, assim como para alimentar o ensino geral e secundário.

Para o reforço no âmbito de formação de quadros e de professores, foram enviados, também, jovens estudantes para formação no exterior, em países como, por exemplo, a antiga República Democrática Alemã, URSS, Cuba e outros. O regresso destes quadros e técnicos permitiu a transferência de conhecimento, tecnologias, modelos de ensino, mas, sobretudo, intercâmbio e a universalização recíprocas de experiências e culturas.

Outros exemplos concretos dos resultados do engajamento da “Geração 8 de Março” podem ser encontrados no âmbito económico, social e cultural. O surgimento de

novas classes sociais, como o caso da classe média, resulta do esforço nessas áreas, o alargamento do acesso ao ensino e, em particular, ao superior, na participação na economia, na luta contra o analfabetismo; na massificação da educação, na massificação do ensino superior; a educação da rapariga; a construção de infraestruturas, a reconstrução pós-conflito armado e muito mais. Estas conquistas, como obras da “Geração 8 de Março” são bases para se prosseguir com os novos desafios da actualidade, na construção de um Moçambique forte, prospero e de bem-estar.

Referências

MACHEL, S. **Na Memória do Povo e do Mundo**, Vol II, Discurso do Presidente Samora Machel na Reunião com Alunos, Professores e Quadros da Educação, 1977, Coleção Memória do Combatente, Centro de Pesquisa da Luta de Libertação Nacional, CPHLLN”, 1977, pp. 88/89.